Casamentos de portugueses no arquivo da Paróquia Coração de Maria em Santos, no bairro de Vila Mathias (1915-1920)

Maria Apparecida Franco Pereira

Universidade Católica de Santos – Unisantos

A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, a economia do café dirige os destinos do Brasil, trazendo a riqueza ao país, principalmente no território da província e depois estado de São Paulo, que começava a sair de séculos de estagnação, pelo pequeno ciclo da cana-de-açúcar, no século XIX. Inúmeras levas de emigrantes chegaram ao Brasil em várias regiões, por vários motivos, e apadrinhados por política governamental.

A economia paulista no final do século XIX desenvolve-se com o concurso de imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, japoneses e outros grupos, como os sírios, libaneses, alemães.

Numa abordagem em âmbito nacional, observam-se os principais grupos de imigrantes entrados no Brasil (1897-1930):

TABELA 1. Principais grupos de emigrantes – 1897-1930

	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Totais
1897-1903	995 620	305.582	193.607	-	1.654.830
1904-1914	212.063	412.607	343.617	15.543	1.085.849
1915-1918	17.647	41.897	31.539	9.728	111.648
1919-1930	116.319	337.723	91.776	75 382	945.284

Fonte: extraído de KLEIN, Herbert S. "A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX". *Análise Social*, XXVIII (121), 199, p. 243, quadro 1

À medida que o porto de Santos ia sendo construído, maiores eram as possibilidades de receber novos navios, vapores mais rápidos que traziam os imigrantes e levavam o café para a Europa e América do Norte. Santos já fazia par com o porto do Rio de Janeiro na entrada de estrangeiros no final do século XIX. Chegaram a Santos em maior e crescente quantidade os imigrantes europeus, principalmente em direção às lavouras do café do território paulista. Os lusos, entretanto, se

caracterizaram por sua fixação no meio urbano. Rio de Janeiro, São Paulo e Santos receberam grande quantidade de portugueses. No Rio de Janeiro (Distrito Federal) e em Santos foram o maior grupo emigrante e a mais antiga comunidade entre os estrangeiros.

A tabela abaixo mostra as ocupações dos portugueses que vieram para o Brasil em 1913:

TABELA 2. Ocupações de portugueses que partiram para o Brasil em 1913

Trabalhadores agrícolas sem terras	14.605	33,6%
Pescadores	252	0,6%
Trabalhadores artesanais	3.592	8,3%
Ocupações domésticas	1.539	3,5%
Totais	**19.988**	**45,9%**
Operários fabris	215	0,5
Artesãos	6.008	13,8
Trabalhadores dos transportes	512	1,2
Funcionários do comércio	1713	3,9
Totais	**8.458**	**19,4%**
Profissionais liberais	138	0,3%
Proprietários capitalistas	339	0,8%
Proprietários rurais	13.783	31,7%
Comerciantes	715	1,6%
Totais	**15.057**	**34,6%**
Sem profissão	20.832	3%
Sem indicação	3.541	-
TOTAL GERAL	**67.876**	**100%**

Fonte: SERRÃO, Joel (ed). *Dicionário Histórico de Portugal. Apud* KLEIN, Herbert S. *Op. cit.*, p. 250 (exceto tirado do quadro nº 6)

A mobilidade dos portugueses nas cidades é grande e a fama de trabalhadores e batalhadores tem tradição. Conseguem fazer poupança que mandam para seus familiares em Portugal. "Um artesão especializado no Brasil ganhava quatro vezes mais que em Portugal".[1]

1 KLEIN, Herbert S. "A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX". *Análise Social*, XXVIII (121), p. 264.

Destacamos aqui, neste texto, a imigração portuguesa em Santos. É o grupo estrangeiro mais importante, tornando-a, durante a primeira metade do século XX, uma cidade portuguesa.

São por demais conhecidos os motivos da emigração e preferência dos lusos pelo Brasil, principalmente dos distritos do litoral e interior do Norte, do Nordeste transmontano e das ilhas da Madeira e Açores.

Portugal registrou, no século XIX, um intenso crescimento demográfico, que não foi acompanhado pelo crescimento econômico, capaz de sustentar a população. Diversos fatores, indicados por Klein, foram responsáveis por essa situação:

> Graves problemas a nível da distribuição das terras afectaram a capacidade da agricultura nacional para se modernizar rapidamente, especialmente no Norte, uma região densamente povoada, onde predominavam os minifúndios. A principal exportação de Portugal, o vinho do Porto, tinha por base uma indústria de crescimento restrito e não podia compensar a incapacidade de crescimento da agricultura em geral. O sector industrial, com um ritmo de expansão lento, era objecto de uma protecção excessiva e relativamente ineficaz, mostrando-se, portanto, incapaz de compensar as deficiências da agricultura. Entretanto, a elevada taxa de natalidade [ligeiramente superior a 30% (30 mil)] e a diminuição gradual da taxa de mortalidade (ligeiramente superior a 20%) asseguravam um crescimento rápido da população portuguesa.[2]

Nas duas últimas décadas do século XIX notavam-se já transformações de modernização mais substanciais na cidade de Santos. Com início das obras do cais de pedra em 1889, a municipalidade nomeou nesse ano médicos e engenheiros que atuavam nos trabalhos de instalação da rede de esgotos; providenciou a cobertura dos ribeirinhos que atravessavam a cidade, inundando-a frequentemente; e a organização do serviço sanitário e da limpeza pública. Como as epidemias continuaram assustando a cidade, em certos meses e em diversos anos, constrói-se o Hospital do Isolamento, e planeja-se a destruição de cortiços, habitações coletivas de trabalhadores e operários. A proclamação do novo regime de governo (1889) dinamiza a cidade com a presença de jovens republicanos e a autonomia política.

A população santista aumenta dia a dia. Em 1890 são mais de 20.000 habitantes. A cidade abriga os mais variados tipos de população. Na década de 1880 recebeu escravos foragidos das fazendas paulistas, em movimentos alimentados pelos abolicionistas, formando os quilombos do Jabaquara e do Pai Felipe. Atraídos pela riqueza do comércio do café e pelas inúmeras oportunidades de trabalho, à cidade vêm nacionais, tanto das regiões vizinhas do litoral e do interior paulista como de vários estados brasileiros, inclusive do Nordeste.

Uma amostra dessa realidade de convivência pode ser percebida na foto a seguir:

2 *Ibidem*, p. 235.

Figura 1. Empório Sul Riograndense – 1902.
Fonte: Novo Milênio – www.novomilenio.com.br

O Censo de 1913 mostra a composição da população santista:

População urbana	71.236
População rural	17.731
Total	88.967

A população estrangeira (principais grupos) consistia em 44% da população:

Portugueses:	23.055	(14.985 h	8.069 m)
Espanhóis:	8.343	(4.828 h	3.515 m)
Italianos:	3.554	(2.066 h	1.488 m)

Japoneses 651

Outros: turcos/sírios, alemães etc.

Levantamento de atividades dos Santistas em que estão englobados os portugueses:

Empregados do comércio:	1.307
Negociantes:	920
Capitalista e proprietários:	119
Operários braçais:	10.118
Atividades industriais:	976
Serviços domésticos:	3.515

Fonte: Recensiamento da cidade e município de Santos 1913, Prefeitura Municipal de Santos.

Muitos portugueses que chegavam se fixavam na cidade onde já havia, desde o século XIX, uma tradição de comércio luso, tanto de exportadores como de importadores.

Os portugueses em Santos formavam vários tipos de grupos. De um lado, comerciantes abastados, comissários e exportadores, importadores, atacadistas e retalhistas, proprietários, capitalistas. Residentes há muitos anos na cidade, são pessoas de projeção na sociedade santista, na colônia portuguesa, com presença atuante na Sociedade Portuguesa de Beneficência, fundada em 1859. Alguns são pequenos capitalistas e comerciantes ou pequenos proprietários que emigram do meio rural, trazem capital seu. Outros têm familiares ou conterrâneos já estabelecidos em Santos,

> [...] o próprio contato no país de destino do potencial emigrante facilitava parcialmente ou mesmo financiava integralmente sua viagem. Este podia ser um parente (é muito comum, por exemplo, tios chamando sobrinhos, ou irmãos chamando irmãos) ou um conhecido já instalado na região de destino, que buscava convencer indivíduos à imigração.[3]

Por outro lado, havia o grande grupo dos portugueses pobres que vinhamao Brasil em busca de melhores condições de vida. Também com grande capacidade de trabalho, de persistência nos seus objetivos, de poupança, muitosconseguiam se tornar pequenos proprietários nos negócios comerciais em Santos, juntar algumas economias e mandar para os seus em Portugal.

> Em outros ocasiões, emigra-se ainda jovem, quando os entusiasmos (e provavelmente as ilusões) são maiores e, sobretudo, quando se avalia que os potenciais benefícios advindos da emigração poderão ainda ser usufruídos, justamente porque se estima ter muitos anos de vida pela frente.[4]

Muitos portugueses vêm sozinho, deixando a família em Portugal, "para sondar oportunidades e enfrentar o período mais crítico de adaptação à nova terra".[5] Vão enviando remessas de dinheiro para os familiares que aos poucos vão se juntar ao chefe de família pioneiro. É a emigração em cadeia, segundo classificação de Truzzi,[6] tomada de Charles Tilly:migração "em cadeia, que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino".

Vejamos na documentação de um pedido de passaporte[7] a carta:

3 TRUZZI, Oswaldo. "Redes em processos migratórios". In: LANNA, Ana Lúcia Duarte *et al* (orgs.). *São Paulo: os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 23.

4 *Ibidem*, p. 24.

5 *Ibidem*, p. 24.

6 *Ibidem*, p. 20.

7 Processo n. 1623, caixa 48, Torre do Tombo, Lisboa.

Campinas, 8 de abril de 1895.

Minha querida Maria,

Saúde e felicidade é do coração te deseja o teu José e á minha Emmasinha, e teus primos a que em muito me recomendarás.

Eu vou andando como Deus é servido. Maria ahi te remeto 25:000$, custaram--me 115:000$ já vês que é quaze impossível poder para ahi mandar-se di-º.

Eu vou escrever a um primo meu que está para vir para Campinas para ver se tu vens com elle, pois tu ahi, eu aqui não convém, aqui é tudo caro, tudo tenho que pagar. Conforme o meu primo te escrever, responde-me logo egualmente a dar-me parte se recebeste o di.º

Dá beijinhos, abraços na Emmasinha.

Felizes festas a todos.

Teu marido do coração
José Rodrigues Pinho

A viagem de Maria do Nascimento Gaspar Pinho, "para a companhia de seu marido", se concretiza. Em documento (de13 de agosto de 1895), há a informação. Ela está com 22 anos e sua filha Emma, com 4. É natural da freguesia de Carcavellos. Casou-se com José, comerciante, em 27 de dezembro de 1890. Ele é natural da freguesia de Ancaia, Concelho de Castanheda, diocese de Coimbra, nascido em 1866, e morador, na época do casamento, da freguesia de Carcavellos, Concelho de Oeiras.

Os imigrantes encontraram na cidade em construção possibilidade de muito trabalho. A dificuldade para a construção do porto foi muito grande, exigindo mão de obra, apelando-se para a contratação de nordestinos, sergipanos, inicialmente. As condições sanitárias da cidade, assolada pelas epidemias, fazem com que governadores dessas regiões impeçam a saída de nacionais para trabalhar em Santos.[8] A partir da década de 1870 e principalmente com inicio da construção do porto em 1889 os portugueses chegavam em levas significativas. As dificuldades técnicas e de condições de moradia e de insalubridade ocasionavam mobilidade no emprego a ponto da Cia. Docas ser considerada uma verdadeira escola, pois admitia trabalhadores sem grande habilidade, onde tinham que ser ensinados e, pelas condições adversas, deslocavam para outras atividades. Sabe-se que também vieram portugueses com alguma qualificação nos ofícios. Na primeira relação do pagamento dos trabalhadores das Docas na construção inicial do cais de pedra constam pedreiros, pintores, carpinteiros, maquinistas, foquistas, caldeireiros cavoqueiros, aplainadores, manobreiros, funileiros, serralheiros, britadores, ajustadores, guarda freios, mas há quantidade enorme com a designação de "trabalhadores" e serventes. A permanência de alguns, no emprego, era de poucos dias.

8 GITAHY, Maria Lucia Caira. *Ventos do Mar. Trabalhadores do Porto: movimento operário e cultura urbana em Santos (1889-1914)*. São Paulo: Editora Unesp/Prefeitura Municipal de Santos, 1992, p. 20.

Figuras 2 (c.1902) e **3** (c. 1890): trabalhadores nas atividades do transporte do café no Porto de Santos
Fonte: *O café – uma moeda forte para o país.* Coleção Folha – Fotos antigas do Brasil, vol.16 p. 56 e p. 49

A ferrovia São Paulo Railway (inaugurada em 1867) trouxe em grande quantidade a produção cafeeira do interior paulista, aumentando o trânsito das ruas da cidade, o número de suas carroças (Cidade dos carroceiros), impulsionando a construção do cais de pedra, ampliando as áreas povoadas da cidade, a partir de um projeto de urbanização de alargamento de ruas, praças, calçamentos, formando-se novoscaminhos e novos bairros e alcançando a barra (praia).O número de trabalhadores da construção é grande e sua organização em associação é uma das mais fortes. Paulatinamente a cidade desenvolve seu projeto de sanitarismo. Em 1912, as epidemias já estão vencidas e a eletrificação manifesta-se nas casas, nas ruas e nos transportes. A cidade vence o seu epíteto de città maledeta. Os portugueses vão encontrar trabalho e morada nos bairros de Macuco e Vila Mathias.

Assim os portugueses empregavam-se nas principais empresas de serviços, juntamente com outros estrangeiros e naturais do país: Cia Docas de Santos, desde 1889, na construção do porto, na extração de pedras no Jabaquara, na estiva O primeiro trecho construído foi o do Valongo (Estação Ferroviária) à Alfandega, 260 metros de cais inaugurado em 1892. Daí até o Bairro do Paquetá e depois até Outeirinhos no Macuco, num total de 4.720m em 1909, com melhoramentos entre outros, 25 armazéns internos, 15 externos e 38.300 m de linhas férreas. O movimento portuário atraía pela grande possibilidade de serviços: estiva, marinheiros, docas, carroceiros trabalhadores em armazéns de café, ensacadores. Os imigrantes encontravam emprego também nas primeiras empresas de transportes (bondes, carroças); na Caieira do Paquetá ; na Cia. Melhoramentos da Cidade de Santos; na S. Paulo Railway ; na Cia. City of Santos Improvements Co. Ltd.(responsável pelos serviços de circulação dos bondes, da água e da eletricidade, a partir 1880); como motorneiro, cobrador, fiscal;na Cia. Santista de Tecelagem de sacos de aniagem para o café (crianças e mulheres); na Cia Leoneza de derivados de

Banana; (1904), na Estrada de Ferro Santos Juquiá(iniciada por um grupo inglês em 1910, em direção ao litoral sul a Southern São Paulo Railway), que antecedeu a Estrada de Ferro Sorocabana, para escoamento da produção agrícola do litoral Sul para o porto santista.

A Cia. União dos Transportes tinha portugueses como empregados. A relação a seguir é uma amostra real de atividades:[9]

Antonio dos Santos Ferreira, nascido a 2 de novembro de 1880, filho de Gaspar Augusto Ferreira e Maria de Jesus Monteiro, natural de Taboaça, Pt., casado, residente no Morro do Pacheco. Foi admitido como *carroceiro* em 16 de setembro de 1913.

Antonio Pinto de Carvalho, nascido a 25 de dezembro de 1866, natural de S. Marinha Zezere, filho de João Pinto de Carvalho e de Leonor da Conceição, viúvo, *ajudante de ferreiro*, residente à av. Liberdade, 220. Chegou a Santos em janeiro de 1885. Foi admitido em 1 janeiro de 1915.

Dionysio Miranda, nascido em 15 de junho de 1879, em Pt., Filho de José Pinto e Anna de Miranda, Solteiro, *carroceiro*, residente à rua S. Bento n.23.admitido em 1 de junho de 1912.

João Romão da Costa, nascido em 22 de junho de 1869, em Pt, filho de Romão da Costa e Emilia Maria de Jesus, casado, *carroceiro*, admitido em 1 de julho de 1912.

João Francisco, nascido em Pt., 12 de dezembro de 1871, filho de Francisco da Cruz e Felesmina Maria, casado, *carroceiro*, residente na rua Visconde. de S. Leopoldo 375., Admitido em 1 de julho de 1912.

Numa relação de portugueses, presos por ocasião de uma greve em Santos, em outubro de 1909, são *padeiros*: José Lopes da Fonseca, 20 anos; João C, 23 anos; José Francisco Costa Correa, 23 anos, solteiro; Joaquim Nogueira, 25 anos; solteiro; Manoel da Ressurreição, 21 anos, solteiro; José Ferreira, 25 anos, casado; Germano Marques, 30 anos, casado; Antonio Rodrigues, 26 anos, solteiro; Manoel Ribeiro, 33 anos, solteiro; Carlos Costa, 22 anos, solteiro. São *pedreiros*: José Maria Jorge, 35 anos; Manoel da Silva, 18 anos, solteiro. São *carpinteiros*: João Pereira, 23 anos, solteiro; José Posnço (?), 21 anos, solteiro; João Carvalho Madeira, 53 anos, casado; Eduardo Alves da Silva, 25 anos, solteiro; Alfredo Lopes, 23 anos, solteiro; José Ferreira, 63 anos, viúvo. Manoel Vieira da Luz, 23 anos, solteiro, é *manobrista*; Adelino Rosas, 33 anos, casado, *calceteiro*; Antonio Simões Escada, 33 anos, solteiro, *pintor*; Bernardino Fernandes, 23 anos, solteiro, *carroceiro*; Ido Gomes da Silva, 20 anos, solteiro, *ferreiro*; Francisco Fernandes, 31 anos, *forneiro*.

Portanto, os lusos são artesãos, trabalhadores em transporte e no comércio, na construção do porto, obras publicas de urbanização (arruamento, abertura de ruas, praças, canais) e na construção civil; donos de casa de aluguel, bares, restaurantes, botequins etc.

Como vamos estudar as relações de casamento entre os lusos, é importante termos presente a composição do grupo de emigrantes que chegaram ao porto.

9 Cf. *Livro de Registro de Empregados da Cia. União dos Transportes de Santos*, 1912-1938.

TABELA 3. Características dos principais grupos de imigrantes que chegaram ao porto de Santos, 1906-1936

		Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Total
População total		202.749	275.257	209.282	176.775	1.222.282
Número de famílias		28.374	35.044	33.955	31.412	174.928
Porcentagem de imigrantes sem família		42	53	18	5	37
Idades	Porcentagem com mais de 12 anos	78	81	68	70	77
	Porcentagem com 7-12 anos	8	7	12	11	8
	Porcentagem com menos de 7 anos	14	12	20	19	15
Proporção entre sexos		183	212	146	128	176
Est. civil	Porcentagem de casados	42	43	37	42	39
	Porcentagem de solteiros	55	55	60	56	58
	Porcentagem de viúvos	3	2	3	2	2
Analfabetos (porcentagem)*		32	52	65	10	34
Porcentagem de trabalhadores agrícolas		50	48	79	99	59

* Porcentagem de analfabetos entre a população de 7 anos ou mais.
Fonte: KLEIN, Herbert S. *Op. cit.*, quadro 3, p. 247.

Uma porcentagem grande de portugueses (53%) emigram sem família. Crianças com menos de 7 anos, 12%: significa, de modo geral, acompanhados de suas famílias.

Vêm casados 43%, solteiros 56%, viúvos 2% (observe-se que o espaço abrangido é de 30 anos). Leite[10] refere-se a um terceiro grupo de emigrantes lusos que "embarcavam em grupos familiares", 'emigração de crises'.

Em especial os portugueses, selecionamos de uma tabela publicada:

TABELA 4. Idade e sexo de todos os emigrantes portugueses – 1900-1934, por quinquênio

Quinquênio	Total	Total de homens	Total de mulheres	Crianças*	Proporção total entre sexos	Porcentagem de crianças
1900-1904	116.044	84.509	31.535	24.189	268	20,8
1905-1909	191.929	147.490	44.439	35.131	332	18,3
1910-1914	291.429	204.459	86.970	59.992	235	20,6
1915-1919	108.281	65.797	42.484	20.360	155	18,8
1920-1924	199.056	152.927	46.129	13.769	332	6,9
1925-1929	167.283	128.547	38.736	9.605	332	5,7
1930-1934	51.515	35.689	15.826	4.639	226	9,0

* Indivíduos com menos de 14 anos até 1955; a partir deste ano, a definição de criança passou a abranger os indivíduos com menos de 15 anos.
Fonte: KLEIN, Herbert S. *Op. cit.*, excertos do quadro nº 4, p. 248

10 LEITE, Joaquim da Costa. "O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914)". In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 194.

No período de 1915 a 1919, os imigrantes portugueses são 108.281 pessoas (65.797 h; 42.484 m; 20.360 crianças).

Sabe-se que os portugueses imigrantes, em sua maioria eram homens adultos, solteiros, poucos com esposas e filhos acompanhantes, na época da chegada a Santos.

Passamos, a partir deste trecho, a tratar de aspectos de casamento.

Casamentos de portugueses em Santos (1915-1920)

Dos 22.030 homens e mulheres portuguesas que casaram no período de 1907 a 1916, no Rio de Janeiro, 51% dos homens uniram-se com lusas, pois tinham a oferta de menos patrícias; 84% das lusas casaram-se com homens portugueses.[11]

No Rio de Janeiro (1907-1916) segundo informação de Klein;[12] fonte diretoria geral de saúde pública.

TABELA 5

Homens brasileiros com brasileiras	30.441
Com portugueses	1.030
Com italianas	211
Com espanholas	218
Outras	279
Total de casamentos	**32.179**

Homens portugueses com brasileiras	6.176
Com lusas	6.964
Com italianas	156
Espanholas	357
Outras	100
Total de casamentos	**13.753**

Homens espanhóis com espanholas	658
com brasileira	512
com portuguesa	169
com italiana	37
com outras	32
Total de casamentos	**1.408**

11 KLEIN, Herbert S. *Op. cit.*, p. 251.

12 *Ibidem*, p. 252.

Homens italianos com italiana	756
com brasileira	651
com portuguesas	73
com espanhola	30
com outras	28
Total de casamentos	**1.547**

Homens de outras etnias com outras	747
com brasileira	424
com portuguesa	41
com italiana	35
com espanhola	14
Total de casamentos	**1261**

Nova organização da tabela: a autora.

Privilegiamos neste estudo sobre os casamentos de portugueses em Santos, a Paróquia localizada em bairro operário, Coração de Maria, criada em 1915, na Vila Mathias que abrangia também o território do Macuco, bairro cujo desenvolvimento acompanhava a construção do porto e onde viviam também os portugueses. Até 1924, quando se tornou Diocese, Santos pertencia à Arquidiocese de São Paulo e, até 1915, a Matriz era a única paróquia. Em 1915, organizou-se a Paróquia do Imaculado Coração de Maria, com sede inicial na Capela Santa Cruz na rua Senador Feijó, Vila Mathias, que é transferida, em 17 de dezembro de 1927, para o templo de grandes dimensões, dirigida pelos padres espanhóis da Congregação dos Missionários Claretianos, na Av. Ana Costa, também na Vila Mathias, uma das vias mais importantes da cidade.

Nessa primeira etapa utilizamos o levantamento dos livros de Casamento (1915-1930)e de Batismo (1915-1916) da Paróquia Coração de Maria. No Livro de Casamento não se tem todos os dados (Residência-só paróquia), mas há nome, idade e naturalidade de ambos os nubentes; estado civil (solteiros; viúvo; vivendo sem contrato civil ou sacramental). No Livro de Batismo, consta onde os pais se casaram, se em Portugal ou no Brasil. Fizemos vinte tabelas desses dados e a título de exemplo, publicamos uma ficha preenchida de exemplo.

TABELA 6. Paróquia Coração de Maria/Santos – Livro de casamento nº 01 (1915 a 1919)

REF.	NOME	NACIONALIDADE	RESIDÊNCIA	IDADE	DATA DO CASAMENTO	LOCAL	OBSERVAÇÕES
Fl.01 Cas. 01	Carlos Fonseca	Sta. Cimba da Seis, bispado da Guarda, PT	Rua Rangel Pestana, 67	25	19/08/1915	Matriz Provisória da Paróquia Imaculado Coração de Maria	Não receberam a Bênção Nupcial
	Ressurreição Alves	Sta. Cimba da Seis, bispado da Guarda, PT	Mesma rua	22			
Fl. 02 Cas. 04	Leonardo Maria Nicolau	Vila Auça, PT	Vila Mathias	24	04/09/1915	Matriz Provisória da Paróquia Imaculado Coração de Maria	Não receberam a Bênção Nupcial
	Christina Alvarez	Progo, Orense, ES	Vila Mathias	21			
Fl. 05 Cas. 09	Augusto Gomes Pereira	Parada d'Esther – Província do Vizeu, PT	Paróquia	21	02/10/1915	Imaculado Coração de Maria	Não receberam a Bênção Nupcial
	Anna de Jesus*	Santos, BR	Paróquia	18			
Fl. 05 Cas. 10	Antonio Dias	Santa Eufêmica, PT	Paróquia	26	09/10/1915	Matriz do Rosário de Santos	Não receberam a Bênção Nupcial
	Preciosa da Conceição	Santos, BR	Paróquia	17			
Fl. 06 Cas. 11	Antonio Joaquim de Sousa	Gindaia, PT	Paróquia	24	16/10/1915	Matriz Provisória da Paróquia Imaculado Coração de Maria	Não receberam a Bênção Nupcial
	Dina Nogueira Martins	Mellerosa, ESP	Paróquia	21			
Fl. 08 Cas. 16	Elias Domingos	Albite, PT	Paróquia	24	13/11/1915	Matriz Provisória (Capella Santa Cruz) da Paróquia Imaculado Coração de Maria	Não receberam a Bênção Nupcial
	Silvina Teixeira	Albite, PT	Paróquia	21			
Fl. 10 Cas. 19	Aristides Cabrera Correa da Cunha**	Braga, PT	Paróquia	25	20/11/1915	Oratório Particular	Não receberam a Bênção Nupcial
	Olga de Souza Murça***	Florença, IT	Paróquia	20			
Fl. 12 Cas. 23	Arthur Pereira	Coimbra, PT	Paróquia	26	18/12/1915	Matriz Provisória da Paróquia Imaculado Coração de Maria	Não receberam a Bênção Nupcial
	Anna de Jesus	Santos, BR	Paróquia	19			

*Pais portugueses: Domingos Bernardo da Silva e Maria Rosa /
**Filho de Gregório Carmelle Cabrera e Maria Amélia da Cunha Cabrera / O nubente é grande negociante em Santos.
***Filha de Quintana de Souza Murça e M. Josephina Di Ceste

Observações: Manteve-se, inicialmente a grafia encontrada, na coluna naturalidade. A tabela 6 é a tabela 1 do conjunto levantado pela pesquisa.

Os dados sobre as uniões de portugueses podem ser resumidas nos seguintes números:

TABELA 7

• PARÓQUIA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. Livros de casamento: 1915-1920

Nacionalidade		Números	Totais
Português	Portuguesa	58	102
Português	Brasileira	37	
Português	Espanhola	06	
Português	Italiana	01	
Portuguesa	Brasileiro	07	12
Português	Italiana	01	

• PARÓQUIA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. Livros de batismo: 1915-1916

Nacionalidade	País	Totais	
Português com Portuguesa	Casados em Portugal	239	524
	Casados no Brasil	285	

• PARÓQUIA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. Livros de batismo: 1915-1916

Nacionalidade	Totais
Português com Brasileira	96 (4 só civilmente)
Português com Espanhola	53 (5 só civilmente)
Português com Italiana	7
Português com Austríaca	1
Portuguesa com Brasileiro	27 (4 civilmente)
Portuguesa com Espanhol	09 (3 civilmente)
Portuguesa com Italiano	2
Portuguesa com Francês	1
Portuguesa com Paraguaio	1
Portuguesas sem casamento	49

Autoria: Maria Apparecida Franco Pereira

O total de casamentos de portugueses no período 1915-1916 é de 721. A endogamia é grande pois 524 casamentos são de português com portuguesa. Entretanto há variações, conforme as regiões do país em Belém, capital do Pará no período da borracha (1879-1912?), Cancela e Barroso[13] observam: "Destacou-se maior numero de casamentos de portugueses com as mulheres nacionais

13 CANCELA, Cristina Donza; BARROSO, Daniel Souza. "Casamentos portugueses em uma capital da Amazônia: perfil demográfico, normas e redes sociais (Belém, 1891-1920)". *História Unisinos*, 15 (1), jan./abr. 2011, p. 69.

em detrimento das conterrâneas, enquanto entre as mulheres lusas o casamento preferencial ocorreu com homens portugueses [...]

A questão dos casados "só civilmente" no Livro de Batismo, quando a Igreja Católica faz questão do casamento religioso, leva a crer (precisando de comprovação) que alguns portugueses podiam ser divorciados. A Lei do Divórcio (Decreto de 3 de novembro) data de 1910. Alguns motivos do divórcio (entre outros) levam a pensar nos afastamentos para o além-mar:

> Abandono completo do domicílio conjugal por tempo não inferior a 3 anos (art.5)
>
> Ausência, sem notícias do ausente por tempo não inferior a 4 anos (art.6)
>
> Separação de fato por 10 anos consecutivos qualquer que seja o motivo da separação (art.8)

O número de portuguesas sem casamento (mães solteiras) em Santos, 49 num total de 529 casamentos entre portugueses corresponde a 9,3% desses casamentos.

A existência de filhos ilegítimos entre os imigrantes no Estado de São Paulo também era em menor escala, segundo dados de Klein.[14] Entre 1906-1910 nos centros urbanos, com as mulheres portuguesas que tiveram filhos nesse período, a taxa de ilegítimos era maior que as das italianas e das espanholas.

Dos 500.000 nascimentos regulares, (1906-1910) 23.000 crianças eram filhos de portuguesas e a porcentagem total de 3,5% de filhos ilegítimos (espanholas 2,4 e italianas 2,7) Entre as brasileiras, 12,5%.

Considerações finais

Notamos que havia uma forte endogamia entre os portugueses em Santos. Do casamento com nacionais, resta-nos averiguar se as jovens eram filhas de casais lusos. A união com os italianos era quase nula, mesmo sabendo-se que eram um grupo muito pequeno na cidade.

O estudo de *gênero* suscita outras questões a serem vistas: a existência de mães solteiras levanta também o problema, se os filhos foram gerados em Portugal ou na cidade. Há alguma informação de que as famílias mandavam para o Brasil as moças "desaventuradas" para fugir à "vergonha". Ou quando "emigravam com um filho pequeno" [...] "Não poderemos ver nesses simples registros os percurso de vidas que, depois de sofrido um desgosto de amor, viam na emigração uma oportunidade para recomeçar?"[15]

Este estudo necessita ampliar as pesquisas até 1930, abrangendo os livros de batismo. Motiva outras questões que devem ser buscadas com mais profundidade numa investigação muito maior: a

14 KLEIN, Herbert S. *Op. cit.*, p. 254-255.

15 LEITE, Joaquim da Costa. *Op. cit.*, p. 195.

questão das moradias, as relações entre os casais e entre as famílias portuguesas. Rosemberg[16] mostra a trajetória de uma família portuguesa emigrada para Santos, ao estudar um processo (18/03/1888) sobre um incêndio. São referidos aqui apenas os dados que exemplificam as relações familiares dos irmãos Vasconcellos.

O português Manoel José Fernandes de Vasconcellos era proprietário do armazém de secos e molhados, denominado Aliança Commercial Luzitana, localizado à rua da Constituição, nº 87, esquina da rua General Câmara, no Centro, próximo ao porto. Esse armazém sofreu um incêndio e danificou, entre outros, um livro das contas correntes, um livro pequeno de assentamento, uma caderneta de fregueses; a quantia de 280 réis em cobres.

Manoel, o negociante proprietário, com 28 anos, sabendo ler e escrever, era casado com Amélia Francisca de Moraes, 18 anos, nascida no Brasil, natural de Campinas, analfabeta.

Com intenção de ilustrar sua desdita, Manoel Vasconcelos retratou de que maneira galgou os íngremes degraus sociais:[17] quinze meses antes, quando deixou de ser empregado da padaria de Favot, na rua Gal. Câmara e comprou a casa comercial de Soares & Pires.

Durante o processo relatou desacordos com sua família vinda de Portugal, todos moradores na rua Senador Feijó, na estrada de Vila Mathias. Tinha desavenças com: sua irmã Ana Rita de Vasconcellos, casada com Manoel Fernandes, 37 anos, cavoqueiro, analfabeto; com seu irmão Antonio José Fernandes que veio morar no armazém e, por questões de honra com sua mulher Amélia, foi para a casa de seu cunhado com outro cunhado de nome Antonio Fernandes, irmão de Manoel Fernandes, casado com sua irmã Margarida Rita de Vasconcellos, que reside em Portugal.

Por esse relato, pode-se observar questões de inimizades pela pobreza de portugueses. Por outro lado, a ascensão de um de seus membros.

A notícia de 9 de setembro de 1914 no jornal *A Tribuna* mostra a desdita de uma família portuguesa: Antonio Praça, português, 42 anos, casado, até poucos meses era proprietário do restaurante da rua General Câmara, 274. Nessa data suicidou-se à bala, mas antes mandou chamar seu irmão Alberto Praça, negociante estabelecido à rua da Constituição, 12.

Antonio Praça chegara de Portugal há 4 meses e sua esposa lá residia. Quantas questões podem ser levantadas desse episódio!

O tema das relações matrimoniais e familiares dos portugueses em Santos necessita de muitos estudos.

Fontes

LEI DO DIVÓRCIO. Decreto de 3 de novembro de 1910. Disponível em: <http://www.laicidade.org/documentação/legislação-portuguesa/Portugal/republica-1910-1926-divorcio>.

16 ROSEMBERG, André. *Ordem e burla: processos sociais, escravidão e justiça em Santos, década de 1880*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 100-103

17 *Ibidem*, p. 102.

PARÓQUIA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, SANTOS

Livro de Batismos, nº 1 – 1915.

Livro de Batismos, nº 2 – 1916.

Livro de Casamentos, nº 1 – 1915-1919.

Livro de Casamentos, nº 2 – 1919-1922.

Bibliografia

CANCELA, Cristina Donza; BARROSO, Daniel Souza. "Casamentos portugueses em uma capital da Amazônia: perfil demográfico, normas e redes sociais (Belém, 1891-1920)". *História Unisinos*, 15 (1), jan./abr. 2011, p. 60-70.

FARIA, Luiz Henrique Portela. *Vila Mathias em Santos, um pequeno Portugal.* Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2008.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. "O café e a imigração em Santos". In: PEREIRA, Maria Apprecida Franco (org.). *Santos, Café & História.* Santos: Leopondianum, 1995, p. 41-54.

GITAHY, Maria Lucia Caira. *Ventos do Mar. Trabalhadores do Porto: movimento operário e cultura urbana em Santos (1889-1914).* São Paulo: Editora Unesp/ Prefeitura Municipal de Santos, 1992.

KLEIN, Herbert S. "A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX". *Análise Social*, XXVIII (121), p. 235-265, 1993.

LEITE, Joaquim da Costa. "O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914)". In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América.* São Paulo: Edusp, 2000, p. 177-200.

PEREIRA, Maria Apparecida Franco. "Portugueses no alto comércio santista no início da República Velha". In: MATTOS, Maria Izilda S. de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (orgs.). *Deslocamentos & história: os portugueses.* Bauru: Edusc, 2008, p. 119-129.

ROSEMBERG, André. *Ordem e burla: processos sociais, escravidão e justiça em Santos, década de 1880.* São Paulo: Alameda, 2006.

SILVA, Ivani Ribeiro da. *O movimento operário de Santos no início do século XX: o jornal como fonte documental histórica.* Dissertação (mestrado) – ECA/USP, São Paulo, 1992.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. "Portugueses em Santos: história e identidade". In: VALENTE, Heloisa (org.). *Canção d'Além Mar: o fado e a cidade de Santos.* Santos: Realejo, 2008, p. 17-35.

TRUZZI, Oswaldo. "Redes em processos migratórios". In: LANNA, Ana Lúcia Duarte *et al* (orgs.). *São Paulo: os estrangeiros e a construção das cidades.* São Paulo: Alameda, 2011, p. 19-38.